

A FEMINILIDADE DE EVA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO ACERCA DAS ORIGENS DA MISOGINIA

Juliana Maria Simões Silva (PIC/UEM), Glaucia Valéria Pinheiro de Brida (Orientadora). E-mail: juliana.msimoess@gmail.com; gvpbrida@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Psicologia/Psicologia Social.

Palavras-chave: Gênero; Psicanálise; Período Medieval.

RESUMO

O referido estudo objetivou compreender as origens da misoginia na cultura ocidental através da análise gendrada de escritos concernentes à personagem mítica Eva, sobretudo aqueles redigidos por figuras masculinas da teologia medieval. Eva, a primeira mulher segundo a tradição judaico-cristã, tornou-se representante do feminino, de maneira que, as representações da sua feminilidade refletem nas relações de gênero e na expressão da misoginia no ocidente, não apenas no período medieval, mas atualizando-se no decorrer dos séculos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa por meio do método da psicanálise extramuros, em que a personagem mítica Eva foi analisada a partir das contribuições teóricas da psicanálise e estudos feministas de gênero. Constatamos que, a feminilidade de Eva, descrita como abjeta, foi utilizada para justificar a misoginia, especialmente no que se refere à opressão da sexualidade feminina, de forma velada ou explícita. Ademais, inferimos que os escritos misóginos referentes a Eva também estão associados a mecanismos de defesa frente a feminilidade originária.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visou examinar as origens da misoginia na cultura ocidental, tendo como ponto de partida da investigação as representações da feminilidade da personagem mítica Eva, a partir dos discursos e escritos teológicos medievais que engendraram uma imagem abjeta de Eva enquanto representante das mulheres. O mito da Criação de Adão e Eva, veiculado pela tradição judaico cristã, influenciou a subjetividade, as relações entre os gêneros e as opressões contra o feminino, não apenas no período medieval, mas de modo a ganhar atualizações ao longo dos séculos, inclusive no Brasil, por meio de ideais religiosos e culturais implementados pelos colonizadores europeus.

A misoginia significa ódio e aversão pelas mulheres, pode ser expressa tanto de forma explícita quanto velada. Na história do ocidente, a misoginia é evidenciada na chamada “Caça às Bruxas”, que se deu no período final da Baixa Idade Média cumprindo-se entre os séculos XV-XVII, em que mulheres foram perseguidas, sobretudo em prol dos valores cristãos; elas foram queimadas em fogueiras, acusadas de bruxaria, torturadas e estupradas por quaisquer condutas desviantes da ordem cristã, em especial quando ativas em sua sexualidade (Federici, 2017). Na

Modernidade, a partir do século XVIII, a misoginia foi expressa de forma velada por meio de discursos filosóficos e científicos, ideais de feminilidade que visam fazer das mulheres existências dóceis, disciplinadas e passivas, com um destino universal: tornar-se mãe. Tais discursos eram resultado do trabalho de domar a “natureza feminina”. No século XX, as contribuições da psicanálise freudiana concernentes a ética de escuta que fez parte do tratamento de mulheres histéricas, refletiu nas mudanças de perspectivas sobre a autonomia, identidade e sexualidade feminina, distanciando a imagem das mulheres da fantasia de feminilidade passiva da modernidade (Kehl, 2008).

Desse modo, a misoginia foi sendo expressa tanto pela violência explícita, quanto por um discurso disciplinante. É notório que ambas as perspectivas foram engendradas sobretudo por homens, evidenciando as questões e problemáticas de gênero que estão imbricadas na estrutura da sociedade ocidental patriarcal. Buscando compreender as origens da misoginia, utilizamos a personagem mítica Eva como fio condutor da investigação. O problema de pesquisa deste estudo foi: Como a feminilidade da personagem mítica Eva foi construída de modo a tornar as mulheres abjetas a partir da expressão da misoginia na cultura ocidental? Segundo Duby (2001), enquanto responsável pelos males da humanidade, as interpretações referentes à feminilidade de Eva tornaram-se fonte de descrédito e abjeção à imagem das mulheres. Para mais, investigamos os mecanismos psíquicos que operam na misoginia e sustentam essa opressão de gênero.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nesse estudo utilizou-se a metodologia qualitativa por meio da psicanálise extramuros, que utiliza o método psicanalítico na investigação de fenômenos históricos e socioculturais, mitologia, literatura e arte. Para tal, foi feito o levantamento da descrição do mito de Eva a partir das obras dos historiadores Georges Duby, Stephen Greenblatt e Michel Foucault. Os dados foram analisados a partir das contribuições teóricas dos estudos de gênero e psicanálise tais como Silvia Federici, Michele Perrot, Maria Rita Kehl e Jacques André.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados levantados nos escritos sobre Eva, foram sistematizados em quatro categorias de análise: 1) Natureza feminina vs. Ideal de feminilidade; 2) A feminilidade transgressora de Eva; 3) A opressão como destino da sexualidade feminina; 4) Eva como protótipo da feminilidade originária.

A primeira categoria, refere-se à concepção medieval de que as mulheres portavam uma natureza feminina perigosa, depravada e abjeta, a qual deveria ser domada pelos homens. Uma vez contidas, as mulheres passariam a se enquadrar no ideal de feminilidade, comportando-se como frágeis, passivas e assexuadas. A representante dessa natureza feminina é a mítica Eva, aquela que teria sucumbido às falácias da serpente e manchando a humanidade com a luxúria do pecado original. Acreditava-se que as mulheres, enquanto filhas de Eva, logo, partes de uma mesma linhagem, são naturalmente pervertidas e precisam viver na tentativa de alcançar o perdão divino, seja pela castidade ou pelo matrimônio. Em antítese a

Eva, temos a Virgem Maria, uma figura assexuada, escolhida por sua fé para gerar o Salvador livre do pecado, símbolo do ideal de feminilidade inalcançável para as demais mulheres (Duby, 2001).

A segunda categoria, “A feminilidade transgressora de Eva”, apresenta as descrições e interpretações pejorativas dos teólogos medievais acerca de Eva e das mulheres enquanto suas descendentes. Entendia-se que a criação da mulher só poderia estar associada à procriação, pois em questão de companhia, uma amizade entre homens seria mais adequada. Em geral, Eva foi responsabilizada pela ruína da humanidade; além de sua transgressão, também corrompeu Adão e o induziu ao erro. Teólogos como Agostinho, apontavam que o pecado original foi um ato deliberado, produto do desejo de Eva em função da cobiça, do orgulho e da luxúria; Eva era vaga e instável; imperiosa como são todas as mulheres. Sofreu dupla consequência: às dores dos partos e a servidão ao homem. “Por seu veredicto, o Criador ofendido rebaixou Eva e todas as suas filhas” (Duby, 2001, p. 59-60). A remissão desse pecado encontra espaço no casamento e na submissão aos homens, assim como deveria ter sido desde o Éden. Uma vez selado o matrimônio, a união é indissolúvel, pois se a mulher abandonar seu marido ela deixará de existir para Deus; Eva é apenas um reflexo de Adão e um reflexo não existe sozinho. Ademais, a transgressão de Eva era constantemente reiterada em obras de arte, sermões, piadas, tida como verdade científica absoluta, assim, a misoginia se justificou pela feminilidade dita transgressora de Eva (ibidem).

Em “A opressão como destino da sexualidade feminina”, verificamos que Eva não é a única personagem a ser vista como representante das mulheres em teor depreciativo. Na mitologia grega, Pandora carrega a responsabilidade por dispersar o mal na terra. Já no período da Baixa Idade Média, os discursos atribuídos a Eva enquanto luxuriosa por natureza e pecadora que precisa ser disciplinada, também passaram a ser dirigidos às supostas “bruxas” (Federici, 2017). Pandora, Eva e as Bruxas expressam uma concepção de gênero, na qual historicamente as mulheres foram oprimidas e violentadas, especialmente em relação à sua sexualidade. Esse ódio de gênero se intersecciona com outros marcadores sociais, como classe, raça e idade, atingindo diferentes mulheres de diferentes maneiras, no entanto, do estereótipo de feminilidade abjeta nenhuma delas consegue escapar. A bruxa é aquela que responde, que não cede a tortura e expressa sua sexualidade não procriativa; é a personificação do desejo, e visto que a tendência é que mulheres sejam proibidas de desejar, resta repudiar essa atividade. O termo “não procriativa” também diz sobre a posição da maternidade como purificação da mulher que participou de uma atividade sexual, bem como configurou-se o destino de Eva.

Na categoria “Eva como protótipo da feminilidade originária”, observamos que os escritos dos teólogos medievais são facetas da misoginia. Para Freud (1908), na escrita operam mecanismos inconscientes, relacionados a satisfação de desejos-fantasias infantis. Deste modo, a escrita aqui analisada, além de representar a subjetividade da sociedade ocidental patriarcal e misógina, também é expressão das fantasias infantis relacionada ao início da constituição psicosssexual, marcada pela vulnerabilidade do *infans*. A feminilidade originária corresponde a este primeiro momento da constituição, está ligada a formação da psicosssexualidade infantil,

independe do sexo biológico e antecede a identificação ao gênero (André, 1996). Inferimos que a personagem Eva funciona como protótipo da feminilidade originária que fora recalçada na infância; ela representa os primeiros traços de inscrição da sexualidade no inconsciente, além de que aponta a passividade da criança diante do outro. O temor não é sobre Eva, e sim sobre o que ela representa: a posição passiva. A repressão de Eva, por meio do discurso misógino, e sequencialmente das mulheres, pode ser considerada a saída masculina patriarcal frente a angústia da feminilidade originária, entretanto, não é a única possível; há quem não recuse essa origem, entendendo a feminilidade, agora gendrada, como algo a ser valorizado. A própria autoria feminina crítica é uma saída ativa.

CONCLUSÕES

Concluimos que, a feminilidade de Eva, dita abjeta, ecoou na prática da misoginia na cultura ocidental, uma vez que ela foi tida como símbolo do feminino, logo, os discursos misóginos dos teólogos medievais não eram apenas sobre Eva, mas sobre o gênero feminino. Entendemos que a escrita misógina está relacionada com a satisfação egóica a partir da realização de desejos inconscientes, além de que possui relação com um mecanismo de defesa masculino patriarcal frente a feminilidade originária e o temor à posição passiva do *infans*. Por fim, outra saída para feminilidade originária é a não recusa dessa origem, é entender a feminilidade, agora gendrada, como atributo de valor, a exemplo disso temos a autoria feminina que reposiciona as mulheres na história; mulheres plurais e não universais.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Jacques. **As origens femininas da sexualidade**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- DUBY, Georges. **Eva e os Padres**: damas do século XII. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FREUD, Sigmund. (1908). **O escritor e a fantasia**. In: FREUD, Sigmund. Obras completas. v. 8. Tradução sob a direção geral de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 169-179.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.